

A LÍNGUA DO POVO KARIRI-XOCÓ E SUA EXPRESSÃO POLÍTICO-CULTURAL

Elizabete Costa Suzart (Pós Crítica/UNEB)¹

Resumo: Trata-se de uma investigação sobre a Língua do Povo Kariri-Xocó e sua expressão político-cultural. Suspeita-se que o trabalho de mediação linguístico-cultural, contribuiria para ativar o bilinguismo na comunidade Kariri-Xocó. Levando em conta a suspeita apresentada, o objetivo geral foi reconhecer a potência da língua na articulação do bilinguismo na aldeia. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos, tais como: descrever estratégias linguístico-culturais para situações fonológicas na escuta da Língua Kariri-Xocó, coletar palavras da fala e de textos dos cantos de Toré, selecionar palavras do acervo linguístico-cultural, fazer sua transcrição fonética e fonológica, compor um dicionário com essas expressões transcritas, enfatizar as interfaces entre a língua KX e a cultura, contribuir com essa mediação científica para que a comunidade KX consolide suas práticas bilíngues. A partir dos aparatos da Linguística e de noções do Alfabeto Fonético Internacional, busca-se descrever pressuposto para na escuta apreender e descrever a realização fonético e fonológico da língua. Para tanto, foi utilizado o Método Etnográfico com pesquisa de cunho qualitativo, em *lócus*, utilizando como aporte a teoria dos “paradigmas indiciários” de Ginzburg (1989). Foram feitas traduções (português/Kariri-Xocó e vice-versa), transcrições fonológicas e fonéticas linguístico-culturais; criadas palavras contemporâneas completando o acervo; foram detectados hibridismos, com acentuada presença do Tupi (línguas e dialetos antes não identificados). Logo, conclui-se que para a articulação do bilinguismo nessa comunidade, se faz imprescindível instrumentos teórico-metodológicos com mediação linguística-cultural para a formalização dessa língua indígena. Trago para discussão, teóricos como Foucault (1996,2014), Clastres (1974,2004) e Moreira (2002,2016), além Nhenety, narrador das memórias de seu povo, dentre outros aliados à causa das populações subalternizadas que utilizam a desconstrução do pensamento colonizador, conscientes que a verdade e o poder se encontram mutualmente interligados na produção dos discursos.

Palavras-chave: Kariri-Xocó. Bilinguismo. Língua Nativa. Dicionário Cultural.

Mediante o histórico de glotocídio das centenas de línguas nativas que ao longo do tempo as estatísticas feitas por linguistas mostram que tendem a desaparecer do universo plurilinguístico brasileiro, o qual tem sua característica originalmente reconhecida por estudiosos do mundo inteiro, todo e qualquer trabalho engajado para que as cerca de 170 sobreviventes continuem movimentando os seus falantes a divulgarem, junto a ela, a sua cultura, se faz imprescindível. Portanto, articulado não apenas por profissionais da área de etnolinguística e antropologia, mas também por todos aqueles que vêm na preservação da sua língua, a importância do valor linguístico-cultural, os quais, juntos, revelam a identidade de um povo. Para não se perder ainda mais tempo nesta luta que vem sido travada contra mais um silenciamento permanente de povo étnico, faz-se necessário que seja percebido que após a imposição da língua hegemônica, na tentativa de articular com perversidade o monolinguismo no país que apresentou na história do período colonial as estratégias empregadas pelos missionários jesuítas rumo a “conversão do gentio”, os dois códigos²: Linguístico e Religioso que operacionalizavam com eficaz efeito a manipulação dos saberes

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia na Linha de Pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, sob orientação do Prof. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: lisasuzart@hotmail.com.

² Ver em: SANTIAGO, Silvano. A palavra de Deus. Barroco, Belo Horizonte, p. 7-13, 1971.

tradicionais, bem como construindo o aprisionamento do corpo e do espírito de nações submetidas ao desejo colonizador, atroz e de grande ação ao epistemicídio:

“Nós, indígenas Kariri-Xocó, do Município de Porto Real do Colégio, em Alagoas, somos na realidade, um grupo de origem pluriétnica. Nossa formação vem da formação dos Kariri, Aconã, Karapotó no século XVII, dos Tupinambá e Natu no século XVIII e dos Xocó no século XIX” (GERLIC 2012, p. 14).

Um fato histórico que Queiroz (2008 p. 44) relata em sua tese de doutorado, nos serve como reflexão para entendermos melhor a introdução da segunda etnia ao grupo em pesquisa dos Kariri-Xocó, a partir do século XIX, foi a dizimação de uma boa parte da população que era denominada por “Kipeá”. No movimento da Guerra de Canudos (1897), “na busca por melhores tempos apregoados pelas promessas de redenção e libertação de Antônio Conselheiro”. Frisa ele: “**levando embora a língua – que morreu com os últimos falantes nativos**”, e seus pajés – que levaram consigo grande parte das tradições culturais, já bastante modificadas pela ação catequética e pelo intenso contato com a população não-índia”. Com este argumento, parece declarar que os Xocó/Ciocó, após terem sido desapropriados de suas terras, foram definitivamente dizimados, a nação por completa. Sendo assim, a existência da etnia Xocó, através do etnônimo Kariri-Xocó faz jus a uma característica predominante de resistência desses povos indígenas: “Eu vou fazer uma pergunta absurda: como ter a força de estar à altura de sua própria fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?” Pelbart (2007 p.63). Por isto é que se segue na busca de uma investigação que venha trazer ao lugar de fala “A Língua do Povo Kariri-Xocó e sua expressão político-cultural”.

Frente a essa realidade de constantes ressurgimento de um povo reconstituído étnico e linguisticamente falando, pretende-se intervir a ação de silenciamento linguístico-cultural que perdura até presente momento, na Aldeia Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio-AL, utilizando uma insistente mobilização, apoiada com material teórico e metodológico que vem a retomar o domínio do que de fato faz parte de um mundo que é real e articulado por uma identidade étnica que traz nos cantos de Toré, pela tradição oral, as peculiaridades desse povo que teve sua língua silenciada no passado, mas a mantiveram sempre presente, na oralidade, pelos cantos e em cerimônias em Rituais Sagrados do Ouricuri³:

Ouricuri opõe (e impõe-se), enquanto taba sagrada, ao espaço profano da aldeia. É ele que dá um significado especial à terra, enquanto território carregado de significado simbólico, onde se fazem presentes suas divindades e seus antepassados (SEEGGER E CASTRO, 1979 apud MATA, 2014, p.188-189).

Acreditando que a potência da língua possa ser articulada através do bilinguismo na Aldeia Kariri-Xocó, buscou-se com essa investigação permear o seu universo pluricultural e plurilinguístico, o

³ Ouricuri que convoca a todos os seus iniciados, na aldeia da mata, a uma marcha quinzenal, rumo ao Santuário Sagrado do Ouricuri. Este espaço com restrito acesso a índios, serve como território de base para o preenchimento e revitalização das energias para uma comunhão com a ancestralidade.

qual já acompanha a dialética da vida urbanizada da aldeia e que tem a língua portuguesa na fala do cotidiano e principalmente ministrada nas instituições municipais e estaduais de ensino, da Pré-escola ao Ensino Médio – embora já esteja havendo estudo para a reativação da Língua Kariri-Xocó, contando com o empenho de Nhenety, o “Guardião das Tradições” que vem estudando essa língua há mais de trinta anos, organizando acervos de vocábulos e memórias, a partir dos cantos de Toré e saberes do seu povo. As centenas de cantos executados de forma oral e utilizados, há séculos, nos Rituais e cantos de Toré foi ferramenta primordial para reunir aspectos da língua, bem como da cultura. Justifica-se a importância no reativamento dessa língua, a proteção por seu valor imaterial, o qual sem uma ação efetiva, poderá estar dentre as dezenas condenadas ao desaparecimento, se esquecida pelos anciãos – que fazem uso da linguagem oral para propagar seus mitos e ritos – e caso não for lembrada e praticada pela nova geração para que seja articulada e também desejada no uso coletivo, pela implantação do bilinguismo na comunidade, de forma ativa e inteiramente voltada para uma integração entre os membros da aldeia e na relação intercultural de valorização das diferenças, pelo hibridismo que existe, até mesmo com outra língua de tronco linguístico distinta, como a Tupi, juntamente com os dialetos com os quais se relaciona, no Nordeste e até mesmo pelo Brasil: Segundo Luciano (Gersem Baniwa) 2006, p. 32) “Com a emergência do movimento indígena no início da década de 1980, essa realidade sociocultural mudou completamente. O valor sociocultural passou a ter outra referência. Começaram a ser valorizados os povos que falavam suas línguas originárias e praticavam suas tradições”. Com esta afirmação de Luciano (o qual tem honra em se identificar como um membro do Povo “Baniwa”), pode ser, então, compreendida a expressão de orgulho máximo na sua afirmação étnica. A memória viva que não se apagou no tempo, mostra a resistência secular dos povos originais que procuram fazer uma recapitulação primordial nas suas gênesis, evidenciando a importância da multiplicação de esforços, na luta contínua de (re) existência, tendo um grande sinal de resiliência das suas constantes insurreições contra a ação colonizadora,

[...] “o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos indígenas, bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais [...]. O “pensamento descolonial castanho”, construído nos Palanques dos andes e nos quilombolas do Brasil, por exemplo, complementou o “pensamento indígena descolonial” trabalhando como respostas imediatas à invasão progressiva das nações imperiais europeias (Espanha, Portugal, Inglaterra, França, Holanda). (MIGNOLO 2008, p.291-292).

Desde a chegada dos portugueses no litoral brasileiro, sob a intervenção dos missionários jesuítas, “[...] o Pe. José de Anchieta é o sujeito que transcreve a língua indígena, denominado por Mattoso Camara Junior de “tupi jesuítico” (GALLO, 1996, p. 101 apud OLIVEIRA; DORILÊO 2017, p.205). Esta língua geral era apresentada por um sujeito que não era nativo, mas falava pelo indígena, “[...] dando lugar a um tupi “imaginário”, silenciado o sujeito índio na constituição de sua própria gramática”, justificando que “As gramáticas europeias são esses discursos que silenciam as

línguas indígenas como imposição de modelos e fórmulas ocidentais. ” (Ibidem p.206). Os que resolutos adentraram à mata, afastando-se do domínio do litoral, estavam em constante conflito e por relutarem a uma aproximação, pelo menos de aceitação lógica aos dominadores, eram tratados “genericamente por “Tapuias” FERRARI (1957, p.38). Os que falavam outros idiomas que não eram do tronco linguístico Tupi, mas do grupo que é classificado como Macro-jê. Assim, com a implantação de uma chamada ‘língua geral’, de domínio dos jesuítas, aplicada nos aldeamentos e utilizada para silenciar as demais que passam a serem invisibilizadas:

Segundo Orlandi (2007, p. 23) “se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o significante”, em que os múltiplos discursos fazem sentido pela historicidade. O índio é silenciado pela história, pois ele não fala, mas é falado pelos missionários, cientistas e políticos (idem) em documentos oficiais, assim como a Gramática do Tupi. Percebemos que esse apagamento é uma maneira de excluir o índio do processo de identidade nacional brasileira. (OLIVEIRA; DORILÊO 2017, p.206)

Do objeto de estudo, *A Língua do Povo Kariri-Xocó e sua expressão político-cultural*, há muitas suposições e, portanto, ainda em aberto a investigações, tanto por etnolinguísticos quanto por pesquisadores outros que se interessem pelos fenômenos que permeiam a ciência linguística. Pela primeira vez emergem, na história, os Kariri quando são tratados por Fernão Cardim na sua obra *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, embora os outros cronistas quinhentistas, chamam de “Tapuias” às tribos que não falam a “língua geral” ou a “língua mais falada na costa do Brasil”. Destarte, talvez os Kariris já fossem conhecidos, porém, não identificados, cabendo a Cardim a honra de havê-los apontado no seguinte parágrafo: “outros no mesmo sertão da Bahia, que chamam Cariri, têm língua diferente...são amigos dos portugueses”. (CARDIM apud FERRARI 1957, p.17).

Ficou desta forma constatada a aproximação com os missionários e a presença dos Kariri ao longo da história da colonização portuguesa no Brasil, além de já serem constituídos indígenas de período pré-colombiano.

Vale ressaltar que os movimentos que cresceram a partir de 1970, suscitavam grandes mudanças rumo aos direitos dos indígenas brasileiros e isto se deu com a militância de indigenistas que se mobilizaram em movimentos de luta de autoafirmação, juntamente com representantes de tribos indígenas para uma ação de identidade étnica, mudando o sentido de ser “índio” para um conceito mais positivo do que o de antes que ser “índio” ou “caboclo” era uma denominação vinculada a mestiçagem e com visão negativa que apontava a ausência do indígena puro - Como no popular se associa “fazer um programa de índio” como algo sem organização; o sentido de “maloca” (que é o espaço sagrado e comunitário indígena) e “malocar” com sentido pejorativo de bagunça, desordem e vagabundagem. São pensamentos colonizadores!

A resistência racional aplicada pelos indígenas, Kariri, foi uma estratégia de sobrevivência e essa relação “amistosa”, mas também, por vezes, de muita hostilidade. Supõem-se que foi uma das

possibilidades de continuarem preservando a coletividade, aceitando em parte a aculturação, com o processo de aldeamento e conversão ao catolicismo, mas sem perder os seus princípios étnicos, através da prática ancestral do Ritual do Ouricuri⁴, pela prática do Toré, que manteve, além da língua na sua dinâmica e que pretende-se através dos seus cantos sagrados reativá-la, juntamente com o sujeito em ação, os indígenas e a nova geração dos Kariri-Xocó que constituem as sementes perpetuadoras dos aspectos linguístico-culturais. Com esta pesquisa, paulatinamente foi percebido que a performance executada nas atividades artístico-culturais pelo grupo que é constituído das várias etnias reunidas (Karopotó, Fulni-ô, Pankararu, Aconã, Natu e outras mais), possui um apelo também político de resistência e desobediência ao que lhe foi imposto pelo dominador. O corte no tempo, nas atividades e no ritmo da aldeia para o Ritual, no Espaço Sagrado do Ouricuri, serve para nutrir o espírito da ancestralidade, o qual ainda que adaptado às mudanças da história, trata de manter o vínculo da essência de um povo sem vínculo com o Estado. É esse o “entre-lugar” que firma este povo na “Disciplina Ancestral”⁵, revitalizando o devir de unidade para nortear a vida coletiva, “O corpo coletivo”, que nela existe, através dos saberes preservados de manter uma sociedade com características primitiva e sem poder delegado ao “UM”⁶,

Trata-se da genealogia da desgraça. As coisas *são más*, indica o texto. Os homens são habitantes de uma Terra imperfeita, de uma Terra má. Sempre foi assim. Os Guarani estão acostumados à desgraça, não é nada novo para eles, nada surpreendente. (CLASTRES, 1974, p.188)

Portanto, para conhecer um povo que tem herança ancestral, o qual se constituía uma das entre tantas nações, dentro do território brasileiro, reduzidos à visão unilateral de fazerem parte de mais um órgão federal (SPI criado em 1910,) FUNAI (1969) – após tantas lutas travadas, ao longo desses cinco séculos, é imprescindível que se esteja munido de um material etnográfico amplo, muita persistência e rigor nas ações para o engajamento em redes que divulguem trabalhos e o modo de vida que é mantido pelos povos tradicionais. “No passado, o homem branco fez muitas perguntas [...] E o índio respondeu: - O sol nasce e se põe em nossas terras; a linha do horizonte é o nosso limite, onde o céu se encontra com a terra, de forma circular, porque o nosso mundo é redondo” Nhenety-Kariri-Xocó (GERLIC 2012, p.14).

Este pensamento expresso pelo escritor e contador de histórias da tribo, altamente comprometido com esse devir que o faz lançar-se à pesquisas e vivências que só revitalizam o espírito de coletividade e compromisso com os princípios de suas tradições, principalmente com a

⁴ Espaço sagrado, com área de preservação ambiental, com cerca de 300 hectares de mata verde de preservação da fauna e flora. ONG THYDÊWÁ. MEMÓRIA, 2012. Disponível em: www.thydewa.org/memória. Acesso em: 28 ago. 2018.

⁵ Ritual de proporção maior, realizado por quinze dias, ocorrendo no mês de janeiro até a atualidade.

⁶ Vide CLASTRES, Pierre. “Do UM sem o Múltiplo” in: *A Sociedade Contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Tradução de Theo Santiago, 4ª edição. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro, 1974, p. 187-192.

língua, mantendo-o numa dinâmica de posição e referência para o seu povo. Sejam eles índios ou não índios, seguem os princípios de respeito ao Pajé Suíra e às demais lideranças.

Portanto, reconhecer a potência da oralidade e a partir dela a importância do seu registro escrito, como instrumento de auxílio para a revitalização da língua pelos indígenas, é compromisso de um engajamento coletivo para o bilinguismo na aldeia, rumo à articulação na preservação da língua como um patrimônio material desse povo.

Houve um grande avanço na pesquisa, quando feita a descrição minuciosamente de cada palavra de nomes próprios, indígenas. Após a pesquisa transcrição fonológica, a partir de pesquisa com questionamento individual e oral, foi feita uma organização em listas de palavras, a partir de Nomes Próprios e feito a busca bibliográfica, de acervos em Tupi (BARBOSA, 1951) ou Kariri (Siqueira Batista, 1978), caso não encontrasse nenhuma referência ao nome, recorria-se ao acervo de vocábulos dos dialetos de Nhenety. Para facilitar a identificação da origem etimológica em cada palavra referente à Lista de Nomes Próprios Indígenas, foram criadas siglas, indicando se dialeto ou língua (Ex: **Dz** = Dzubukuá; **Kr** = Kariri; **Ki** = Kipeá; **Nt** = Natú; **Sp** = Sapuyá; **Tp** = Tupí; **Fô** = Fulni-ô; **Kx** = Kariri-Xocó – no caso das Palavras Contemporâneas que eram necessárias para corresponder a dinâmica da língua, foi de grande ajuda). Elas evidenciaram todo hibridismo na língua. Seguem alguns exemplos delas:

Amaní (Tp) – foi buscado na lista de vocábulos Tupi e encontrado o significado para o radical da palavra de “algodão” (LEMOS BARBOSA, p.26). Logo, podemos fazer um desdobramento para a brancura da pele mais clara, como da “manioca” / mandioca. Assim, foi construído o sentido para este nome: *“a brancura da mandioca que nos alimenta”*; daí o próximo passo foi a gravação em áudio, pronunciado em duas vezes para evitar dúvida na etapa seguinte na produção da transcrição fonética, posteriormente;

Arana (Tp) – um dos significados encontrados para “ara” foi dia/luz/sol (LEMOS BARBOSA, p.34) e “ana” palavra referida também a “ara” (LEMOS BARBOSA, p.28). Assim, este nome ganhou a tradução que se reporta aos saberes da tradição que “ana” refere-se a “filha” ou “parente” (do mesmo sangue). Combinando o seu sentido resultou em *“filha da luz do dia”*. O próximo passo seria a transcrição fonética que fez surgir a necessidade de ter disponível um teclado contendo os símbolos fonéticos e, todavia, não existia nenhuma possibilidade de executar o trabalho que exige muito exercício, a partir de áudios que foram realizados entre os meses de maio a julho, por causa dos detalhes de ajustes tanto tecnológicos, quanto da falta de prática do locutor indígena em ler com fluência cada palavra escrita para compor esses áudios. Foram gravados em série, as listas por temas: Nomes Próprios, Parentes e Familiares, Palavras do Ritual, Palavras contemporâneas, etc.

Foi feito um treinamento com a representação fonológica, por já ter dado conta da necessidade de palavras que não constavam em nenhum dos acervos de nomes de origem nos dialetos: Dzubukuá, Kipeá, e Sabuiá, além das línguas: Natu, Kariri e Tupi (Após várias análises, verifiquei que muitos desses vocábulos tinham origem no Tupi, a exemplo de mamíferos, elementos da fauna e flora, etc. Porém, como dito anteriormente, houve muitas misturas e com a apropriação da língua, denominavam que seria do Kariri. A exemplo: pirão, moqueca, preá, guaxinim (ou “waxinim), teiú, urucú, tamanduá).

Para tal coleta, Nhenety foi imprescindível parceiro e aliás, era o único para tal destreza e até autoridade na formulação desses novos signos. Fui autorizada a contribuir, mais adiante com a composição de uma ou outra palavra, tais como: **méechi = grito ou gritar (mé (Dz) = falar e echi (Kr) = alto)** e **Tácrody = (Tá (Tp) = pegar, tomar de volta e Crody (Kr) força)** que posteriormente foram inseridas na “Lista das Frases da Resistência, dos movimentos sociais”, extraídas da audição de cantos de Toré. Seguem algumas delas:

*/Aí Radá méechi recê Sambyé Tsoho Tokenhé! /A Terra **grita** por Justiça aos Povos Ancestrais!*

*/Idzãdzã Wó aiby **Tácrody** quié Tçohó Kutoa! / Sem movimento de **retomada** não há liberdade!*

Com o teclado (IPA) de transcrição fonética, será articulado a execução dessas transcrições para servirem como possibilidade de modelo para trabalhos futuros, na montagem de um Dicionário Cultural do Povo Kariri-Xocó, mais completo que emerge para servir como material de uso entre os indígenas da aldeia, como também para pesquisadores que se interessem no aprendizado da mesma.

Para tanto, foi utilizado o método mais adequado, voltado à pesquisa de populações tradicionais, o Etnográfico e a metodologia baseada na história oral, com aporte nos sinais evidentes do objeto de pesquisa, desde os primeiros passos da investigação, nos “paradigmas indiciários”, teorizado por Carlo Ginzburg (1988), propiciando com esta metodologia resultados que desvendam, escavam e traz à superfície, resultados até mesmo inesperados e por isto, surpreendentes. Daí surgiu a expressão levantada por Nhenety que definiu este trabalho como “um trabalho de garimpeira”.

A partir dos aparatos da Linguística e de noções do Alfabeto Fonético Internacional, (IPA), verificou-se que ao buscar descrever a língua em pesquisa, a partir da escuta, da apreensão e descrição de seu pressuposto na linguagem oral, também, e principalmente encontrada nos cantos de Toré, será possível não somente a realização de uma transcrição fonológica, como também de um trabalho de transcrição fonética da língua para um trabalho que permitirá grandes avanços no desenvolvimento de um material que se faz imprescindível instrumento teórico-metodológico, com mediação linguística-cultural, para se chegar a sua provável formalização. Desde os primeiros passos

dessa investigação, foi colocado, sempre, de maneira pontual, por Nhenety, que este trabalho seria fundamental para estabelecer os mecanismos necessários para a definição e uma compreensão ainda maior dessa língua nativa, a qual possui todos os elementos para ampla pesquisa e que conluo, o período do mestrado não daria conta, pela sua dimensão e particularidades, as quais, todavia, não tinha sido sondada e nem pesquisada de maneira tão ampla, na exigência do vasto acervo linguístico que ela possui. Percebe-se a grande vocação que esse povo pluriétnico e, portanto, plurilinguístico, possui para a articulação do bilinguismo na aldeia, contando com a dedicação, principalmente do Grupo de Toré Soyuré (mantém a tradição de cantar Toré na Língua Nativa), que vem coletivamente fazendo bom uso das experiências com a língua, trazendo para a escrita a garantia de perpetuar a tradição oral, expandindo o universo linguístico-cultural para uma maior interação no diálogo intercultural.

REFERÊNCIAS

CLASTRES, Pierre. “Do UM sem o Múltiplo” in: *A Sociedade Contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Tradução de Theo Santiago, 4ª edição. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro, 1974, p. 187-192.

Estatuto do Índio. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_indio>. Acesso em 30/11/2018.

FERRARI, Alfonso Trujillo. Os Kariri, o crepúsculo de um povo sem história. Revista “Sociologia”, 1957.

Figura da Violência Moderna: Confluências Brasil/Canadá/Organização: Cláudio Gledson Novaes, Lícia Soares de Souza, Roberto Henrique Seidel – Feira de Santana: NEC; UEFS editora 2010. 252 p.:il.

FOUCAULT, Michael. A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Loyola: São Paulo. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. ed. – São Paulo, 2014. – (Leituras Filosóficas).

GAMBINI, Roberto. O Espelho Índio: Os jesuítas e a destruição da alma indígena. Espaço e Tempo: Rio de Janeiro, 1988.

GERLIC, Sebastián (Org.). Memória: índios na visão de índios. Ed. ONG Thydêwá. 17ª Coleção, 2012.

GUINTZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidade e mediações Culturais; tradução Adelaine La Guardia Resende; Organização Livsovik; Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. DP&A, 2005.

Índios Kariri-Xocó. Disponível em: <<https://www.indiosonline.net/thydewa-o-que-e-quem-somos-e-o-que-pretendemos/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Coleção educação para todos. Série vias dos saberes, n.1.

ONG THYDÊWÁ. MEMÓRIA, 2012. Disponível em: <www.thydewa.org/memória> Acesso em 30/11/2018.

PELBART, P. (2007). Biopolítica. Sala Preta, 7 57-66. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>>. Acesso em: 18 ago. 2018.